



PRÁTICAS DE LINGUAGEM ORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DE LIPMAN: ESTUDO DE CASO COM CRIANÇAS DO MUNICÍPIO DE SERRA NEGRA DO NORTE/RN

MARIA DE FÁTIMA DANTAS

EIXO: 5. EDUCAÇÃO E INFÂNCIA

Resumo: Os estudos sobre a constituição da linguagem oral na educação infantil é de suma importância para o desenvolvimento humano desde mais tenra idade. O projeto de intervenção sobre as práticas de linguagem das crianças teve como propósito estudar a oralidade delas no nível 4 do Centro Educacional Infantil Dr. Ruy Pereira, no município de Serra Negra do Norte/RN por meio das atividades cotidianas, atividades na roda de conversa e respectivos registros diários, fundamentados na perspectivas de Matthew Lipman (1990), Kohan (2008), Vygotsky (1997), Luria (1991), Marta Kohl (1997), Nodari (2011). Acreditamos que o trabalho com iniciação ao diálogo investigativo, junto às crianças torna-se promissor ao desenvolvimento de atitudes, compreensão e reflexão a respeito dos usos da linguagem oral.

Palavras-chave: Exercício de conversação. Criança. Linguagem oral.

Abstract: Studies on the creation of oral language in early childhood education is of paramount importance for human development from an early age. The intervention project on children's language practices aimed to study the oral them on level 4 of the Children's Educational Center Dr. Ruy Pereira, in the city of Serra Negra North / RN through daily activities, activities in the conversation wheel and their daily records, based on the prospects of Matthew Lipman (1990), Kohan (2008), Vygotsky (1997), Luria (1991), Marta Kohl (1997), Nodari (2011). We believe that working with introduction to investigative dialogue with the children becomes promising the development of attitudes, understanding and reflection about the oral language uses.

Keywords: Conversation exercise. Child. Oral language.

Resumo: Os estudos sobre a constituição da linguagem oral na educação infantil é de suma importância para o desenvolvimento humano desde mais tenra idade. O projeto de intervenção sobre as práticas de linguagem das crianças teve como propósito estudar a oralidade delas no nível 4 do Centro Educacional Infantil Dr. Ruy Pereira, no município de Serra Negra do Norte/RN por meio das atividades cotidianas, atividades na roda de conversa e respectivos registros diários, fundamentados na perspectivas de Matthew Lipman (1990), Kohan (2008), Vygotsky (1997), Luria (1991), Marta Kohl (1997), Nodari (2011). Acreditamos que o trabalho com iniciação ao diálogo investigativo, junto às crianças torna-se promissor ao desenvolvimento de atitudes, compreensão e reflexão a respeito dos usos da linguagem oral.

Palavras-chave: Exercício de conversação. Criança. Linguagem oral.

Abstract: Studies on the creation of oral language in early childhood education is of paramount importance for human development from an early age. The intervention project on children's language practices aimed to study the oral them on level 4 of the Children's Educational Center Dr. Ruy Pereira, in the city of Serra Negra North / RN through daily activities, activities in the conversation wheel and their daily records, based on the prospects of Matthew Lipman

(1990), Kohan (2008), Vygotsky (1997), Luria (1991), Marta Kohl (1997), Nodari (2011). We believe that working with introduction to investigative dialogue with the children becomes promising the development of attitudes, understanding and reflection about the oral language uses.

Keywords: Conversation exercise. Child. Oral language.

I. Introdução

É comum no dia a dia vermos crianças conversando e até palradoras umas com as outras. No espaço escolar, essa dinâmica muda de postura, visto que, nas rodas de conversação, na educação infantil, claramente vemos crianças tímidas e, muitas vezes, até distantes do assunto e/ou tema apresentado pela professora.

Justamente por essa observação, debruçamos a estudar os seguintes questionamentos: Por que será que na Educação Infantil só se trabalha mais com a linguagem escrita? E a linguagem oral, como se trabalha? De que forma professores nas suas práticas diárias planejam suas intervenções orais junto às crianças? E quando trabalhadas, que de maneira oportunizam a percepção do mundo que as rodeia?

Portanto, fez-se necessário um projeto de intervenção a fim de trabalhar a oralidade da criança, através de atividades cotidianas, tais como roda de conversa e registros diários, analisando como, as crianças do centro infantil desenvolve a linguagem oral delas. Tendo como objetivo refletir sobre os usos da linguagem oral a partir da perspectiva de Matthew Lipman.

Outros autores como Kohan (2008), Vygotsky (1997), Luria (1991), Marta Kohl (1997), Nodari (2011) foram utilizados como referências teóricas para auxiliar as contribuições da Filosofia de Lipman no tocante a expressividade oral infantil de crianças com 04 anos da Educação Infantil, do Centro Educacional Infantil Dr. Ruy Pereira dos Santos (CEI) do município Serra Negra do Norte/RN, cujo propósito é obter informação sobre o que articula o diálogo, no meio educacional, e de que maneira as crianças, no ato da conversação planejada, filosofam por necessidade humana.

Diante desse contexto, realizamos sequência de atividades as quais desenvolvemos na sala de aula que propiciou o entendimento da questão da linguagem oral, na classe alvo desta pesquisa, segundo a visão das crianças, para propiciar uma série de discussões de cunho filosófico e empreender que a forma de pensamento seja autocorretiva pelo diálogo que surgirão entre as crianças, pois é sabido que por meio das contribuições das diversas teorias da aprendizagem que a criança é um ser pensante.

Pretendemos a partir da roda de conversa e da contação de história, e da narração de Rebeca, editado pelo Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, que intriga a personagem “Rebeca” com histórias que ouve, questionar sua própria fantasia e, junto com o seu amigo Beto, buscar respostas para suas perguntas. Quando resolve muitas questões que a incomodavam, não se acomoda: “De repente, descobri que um montão de perguntas novas estava pipocando na minha cabeça”.

Observamos como é importante registrar as falas das crianças e na proposta de Lipman, significa fundamentalmente tentar perceber a capacidade da criança para a reflexão sobre o mundo e seus significados potencializando seu desenvolvimento como criança e posteriormente para a vida adulta.

II. A literatura de Lipman em um contexto escolar

Para Lipman (1990, p.121), um programa de raciocínio, de leitura, de comunicação e expressão deveria concentrar-se na estimulação das habilidades de pensamento e proporcionar às crianças a oportunidade de pensarem, filosoficamente, o lócus sobre ideias que lhes interessam, através de investigação dialógica cooperativa. Segundo Lipman (1990) não há melhor ponto de partida para a educação, senão onde há diálogo entre professor e criança.

As crianças comumente querem saber e descobrir o mundo demonstram interesses e curiosidades. Elas possuem um desejo ávido por razões. E nos fazem perguntas, tais como: “Como pode isso”? Nestes momentos, parece-nos que precisam de justificativas sobre o mundo. Lipman (1990) nos diz que as crianças estão buscando:

Um sentido para aquilo que as intrigas, embora, provavelmente, não sejam felizes se o sentido for menos encantador que a surpresa. É por isso que gostam tanto de histórias. Portanto, o cultivo das habilidades de raciocínio é o caminho mais promissor se o nosso objetivo for o de ajudar as crianças a descobrirem o que torna sua experiência significativa. (Lipman, 1990, p. 22).

Isso se deve ao fato de o professor ter conduzido situações em que as falas e a conversação são valorizadas. Como também, as narrações de histórias. Nesse contexto, é necessário pensar que essas situações iniciem desde as primeiras vivências da criança. Segundo Lipman (1990, p. 121) poderíamos começar a aproximar o máximo possível do estado de admiração e perplexidade que é, em geral, característico do início da infância.

O autor quer dizer, que a criança necessita dessa atenção do adulto para que essa interrogação seja esclarecida e também a criança possa dialogar, mediante as respostas do mediador. É no raciocínio que a criança comparará com lógica, muitos elementos e identificará pontos comuns em situações distintas em contextos semelhantes. Lipman enfatiza que raciocinar analogicamente é quando o indivíduo pensa em algo que possua pontos em comum e situações diferentes, e características distintas em contextos iguais.

Sátiro (2012), afirma que raciocinar vai além da imaginação da criança, ela permite a analogia, por exemplo, de comparar estímulos novos com antigos, gerando efeitos cognitivos ou emocionais. Assim, temos habilidade de armazenar informações e relacioná-las com experiências futuras.

Quando a criança pensa em algo simples, é desse algo simples, que surgirão outros questionamentos, a respeito do devido tema e de fato se tornar um ser pensante. Para Sátiro (2012, p. 32), como afirmam Vygotsky e Bruner, “não existe pensamento sem linguagem. Quanto mais exercitamos as habilidades que potencializam esta relação entre pensamento e linguagem, melhor para o desenvolvimento cognitivo em geral”.

A lógica seria o processo de dedução ou indução entre argumentos, dos quais se pode retirar uma conclusão lógica. Para endossar, diria ainda que a lógica é a capacidade de se deparar com argumentos, e poder tirar conclusão crítica ou passiva.

É indispensável que as crianças adquiram esses conceitos se querem dar sentido aos aspectos sociais, estéticos e éticos de suas vidas. Existe uma ideia errônea de que as crianças não estão interessadas nas noções filosóficas e querem apenas divagar sobre trivialidades ou dominar as informações. (Lipman apud Sharp, p. 47/48).

Dito isso, segundo Lipman (1990) podemos nos dedicar e trabalhar com os conceitos construídos com as crianças da educação infantil dando chance para elas participarem na roda de conversa, sobre os temas citados. Sendo assim, planejando histórias que possuam conteúdos de filosofia, a exemplo, da narração de Rebeca que enfoca muito bem por onde iniciar uma comunidade de investigação.

III. Mediar uma discussão filosófica considerando a concepção de criança na perspectiva de Matthew Lipman

Ariés (1981) observava que o sentimento de família e de infância surge do mesmo processo pelo qual se desenvolveu o sentimento de classe social da burguesia ascendente. No século XVIII, tal fato já não era admitido, passando os filhos da burguesia a frequentar os colégios, garantindo o seu monopólio. Assim, a criança perdeu a possibilidade de opinar sobre decisões que lhe diziam respeito. Foi excluída do processo de produção, as festas e jogos, restando à criança a condição de mera consumidora de bens e ideias, produzidos exclusivamente pelos adultos. Torna-se, então, um ser cuja condição social é rejeitada, pois é marginalizada econômica e socialmente, enquanto ser à margem do processo (Charlot, 1971, p. 11).

Os estudos sobre o conceito de criança é relevante para a prática pedagógica, conforme Carvalho:

Trabalhar com crianças de zero a um ano de idade, ou com dois ou três é diferente de trabalhar com crianças de idades entre seis e nove anos, ou ainda com adolescentes, jovens ou adultos. Muitas escolas, independentemente da faixa

etária que atendem, organizam-se de modo semelhante a partir de uma ideia universal de aluno, o qual aprenderia sempre do mesmo modo, da mesma forma, e teria as mesmas necessidades. No entanto, as crianças possuem modos distintos de ser sujeito, de estar no mundo e com ele interagir, e suas especificidades não deveriam ser desconsideradas, porque têm implicações para o trabalho pedagógico. (Carvalho, 2012, p. 14).

A infância, tal qual a conhecemos na contemporaneidade, não foi sempre da mesma forma. Como afirma Narodowski (1995), ao comentar a obra de Ariès [...] os nossos sentimentos atuais sobre a infância não existiam na cultura ocidental, nem as práticas nos diferentes aspectos da vida social, nem nossos padrões culturais atuais podem ser detectados nessa época [Idade Média] (Narodowski, 1995, p.57).

Com base nesses conhecimentos, outras formas de compreender a criança e a infância têm sido produzidas. A infância, com afirma Kramer (2006), consiste em uma categoria social que define um ciclo da história humana, como a juventude, a velhice, e também um ciclo da história de vida de cada indivíduo. Sua definição envolve aspectos etários, geralmente considerados nas definições legais.

Como vimos à infância de cada ser humano é definida não apenas por sua idade, mas, sobretudo, pelas suas condições de vida, pelo contexto sociocultural em que vive o que envolve a classe social a que pertence o gênero (se é menino ou menina), à sua cultura de origem, à sua etnia, à sua raça (Sarmiento, 2007). Tudo isso define como a criança é considerada, do que precisa, do que é capaz o que pode e não pode, ou seja, define a vida da criança e suas possibilidades de ser e de desenvolver como pessoa.

Para isso, o professor, a professora precisam saber tanto sobre os conhecimentos como sobre os processos de aprendizagem para pensarem as atividades, as intervenções. (Carvalho, 2012, p. 20). É necessário que participem de fato das aulas que o mediador planejou: o que ensinar para quem, e assim, existirá um elo entre criança e professor.

É um desafio de todos nós, educadores, garantirmos a ocupação dos espaços da cidadania. Isso requer das pessoas comportamentos e atitudes que podem decorrer ou ser reforçados quando se aprende desde cedo:

a respeitar os pontos de vista dos outros; que o próprio ponto de vista tem o mesmo valor e peso do dos outros; a respeitar a vez dos outros e a exigir respeito pela própria vez; a respeitar regras combinadas; que as regras podem ser discutidas e modificadas, mas que são necessárias para a vida em comum. Que todos são, igualmente, dignos de respeito (Lipman, 1996).

Isso faz com que o professor realize exercício nas comunidades de investigação com crianças, podendo ensinar sua continuação na vida adulta. Neste sentido, estudar filosofia na educação infantil é o primeiro passo para a criança despertar seu pensamento, exercícios e planos de discussão, diretrizes de trabalho para o aprofundamento das conversações postulados de Lipman.

Para isso, a sequência de atividades propiciará situações em que a fala e o pensamento se constituem. O autor cita a história de Rebeca é uma história escrita por Ronald Reed para o trabalho com crianças de 4 a 7 anos. Consiste em uma iniciação ao diálogo investigativo, desde a pré-escola, os alunos desenvolvam atitudes que promovem a comunidade de investigação. (Lipman, 1996). Além disso, um dos objetivos do programa filosofia para crianças é desenvolver atividades voltadas a uma educação no pensar. Tornando necessário aspecto central das atividades: trata-se daquilo que vem sendo denominado de habilidades cognitivas ou, mais precisamente, de habilidades de pensamento.

Habilidades de pensamento são aquelas condições que, se desenvolvidas adequadamente, auxiliam as crianças a pensarem bem, isto é, a produzirem pensamentos que representam adequadamente a realidade, que podem justificar tais explicações, que podem oferecer novas informações, quando devidamente articuladas entre si, que podem ser indicativos ou orientadores mais seguros do agir humano, etc.

Lipman (1996) deixa claro que as habilidades de pensamento são condições que precisam ser desenvolvidas para o que o pensar bem ocorra no lugar de um pensar que pode não ser bom, ou seja, que pode não ser adequado, correto, seguro, justificado. Ou com respostas de autocorreção, deixando a criança refletir ainda mais. Assim, eles produzem ou

constroem conhecimentos. Que condições seriam essas?

Lipman, em vários escritos, indica uma listagem delas e afirma que elas ocorrem sempre interligadas entre si. Elas não são estanques: formam um sistema em funcionamento que, quanto mais e melhor funcionam, mais se desenvolvem. (Lipman, 1996, p. 30). Como já foi dito, o ator, oferece uma listagem e as reúne em grupos:

Condições cognitivas que favorecem a investigação. Investigação é busca pesquisa, indagação com a finalidade de saber algo ou de saber melhor algo. O resultado dela é o conhecimento. É o que fazem os pesquisadores: eles produzem ou constroem conhecimentos. Para se produzir ou construir conhecimento, é preciso as seguintes condições:

- a) Saber observar
- b) Saber perguntar (ou formular questões)
- c) Saber pensar, imaginar ou supor soluções prováveis para as questões: formular hipóteses.
- d) Saber buscar ou construir verificações para as hipóteses que poderão comprová-las, ou não. As comprovações podem ser provas experimentais ou argumentativas. Uma vez comprovadas, elas deixam de serem hipóteses e passam a serem conhecimentos. (Lipman, 1996, p. 38).

Esse exercício de conversação faz com que as crianças sejam capazes de construir conhecimentos, sendo que, é necessário que provoque para que operem com as condições cognitivas que favorecem a investigação, trabalhando com os conteúdos de estudos: sejam os conteúdos das disciplinas escolares, sejam os conteúdos dos temas que provocam seu interesse. Um exemplo:

Imagine trabalhar com crianças de educação sobre o tema “egoísmo”. O (a) professor (a) pode fazer uma bela explanação e ficar só nisso. Com esse exemplo, o mediador já está instigando a criança a falar o que ela entende por ser egoísta. Assim, ela dará conceito do que pensa e os outros colegas vão ampliando, a cada reflexão que surgir durante essa conversação. (Lipman, 1996).

De acordo com o referencial de Educação Infantil (1998), a criança tem o contato distinto em seu ambiente social a descoberta do aspecto funcional da comunicação escrita, o que desenvolve o interesse e a curiosidade por essa linguagem. Segundo Brandão “é comum, nas salas de Educação Infantil, observarmos atividades de conversa, hora da novidade, contação de histórias, entre outras situações que buscam estimular o desenvolvimento da linguagem oral”. (2010, p. 21).

Portanto, a criança aprenderá com o colega e também ampliará o seu vocabulário durante a contação de história a qual consiste no momento crucial para a criança interagir as suas ideias com seus colegas. Com isso, ela terá chance de se autocorriger.

IV. Caracterização do campo e dos agentes do conhecimento: a metodologia aplicada

A intervenção foi realizada no Centro Educacional Infantil Dr. Ruy Pereira dos Santos no município de Serra Negra do Norte/RN. As turmas são organizadas de acordo com a faixa etária das crianças, como sugerem as Diretrizes Curriculares a Educação Infantil. Funcionam nos dois turnos. Pela manhã, são 03 turmas com crianças de 2 anos (um professor e uma auxiliar) com 19 crianças cada turma; 3 turmas com crianças de 03 anos (um professor por sala) são 18 crianças por turma. Já no turno da tarde, são 03 salas de aula com crianças de 03 anos e são 20 crianças para um professor. As crianças de 05 anos são distribuídas em 03 turmas, cada turma com 15 crianças e um professor.

Sabe-se que é possível fazer filosofia na educação infantil, desde que a criança seja instigada a formar suas próprias perguntas diante do que for questionado em sala de aula. Com isso, o aluno estará despertando e aprendendo a pensar. Diante disso, o professor criará condições entre alunos e educador para um diálogo.

Assim, existirá um elo de confiança, liberdade de expressão por parte dos alunos como também surgirão momentos sobre os quais a criança refletirá a despeito do seu valor e da formação do seu eu. Daí, estaremos dando incentivo às crianças para aprenderem e fazerem; fazerem e pensarem; compreenderem e justificarem; dizerem e construírem; buscarem e discordarem; criarem e destruírem.

A ideia de que uma intervenção deve ser realizada em ambiente real tem acompanhado as atividades pedagógicas da professora do Ensino Infantil. Assim, no decorrer das atividades procuramos criar condições e estimular as crianças.

Ao propor desenvolver este estudo acerca da linguagem oral em uma turma de educação infantil, na perspectiva de Lipman, escolhemos a sala de aula com o ambiente de pesquisa, assumindo o compromisso de fazer parte do grupo pesquisado, envolvendo-me diretamente, através de ações, observações e reflexões, apostando na pesquisa como uma atividade conjunta, não apenas na coleta de informações, mas também na interpretação dos fatos investigados.

Quanto à metodologia selecionada para alcançar os objetivos dessa pesquisa, elegeu-se a pesquisa do tipo qualitativa. No que diz respeito à coleta de dados, essa ocorreu durante o desenvolvimento de diversas perguntas, planejadas de modo que, nessa prática, a filosofia foi considerada uma teoria como conjunto de pensamentos. Por isso, Lipman fez uma reconstrução da história para que pudesse ser experimentada pelas crianças, porque segundo este, não se pode filosofar sem filosofia. "Não é possível fazer uma filosofia sem o contato com o que esta lhe oferece de melhor, pelo menos, nos vinte e cinco séculos de história do ocidente." (Lipman, 2008, p.18).

Os dados relativos ao trabalho docente consistem de observações e registros das falas das crianças, referentes ao planejamento e execução do curso, enquanto que relativos ao trabalho, com a linguagem oral na turma da Educação Infantil, na perspectiva de Lipman. Assim, os dados para análise, foram obtidos dos registros em observações (aplicação de aulas, roda de conversa, histórias infantis, planejamentos, relatórios e fotos).

A metodologia proposta pela intervenção partiu da persistência na aplicação da iniciação filosófica, exercício de conversação e preparação para uma cidadania responsável.

O modo de utilização do método consistiu em organizar o grupo (alunos e professores) em roda de conversa, para que todos possam se ver e conversar. Em seguida, faz-se a leitura em grupo, o professor conta um trecho de um episódio ou de um capítulo da história. Solicita-se aos alunos que levantem questões sugeridas pela leitura do texto. O professor registra as questões por escrito na lousa ou em folhas de papel, colocando o nome dos autores.

Em seguida, inicia-se o diálogo investigativo, partindo das questões dos alunos e a elas juntando novas questões surgidas no grupo, postas pelo professor, ou buscadas nos planos de discussão da Coleção Pensar. O final do processo é o momento, determinado pelo tempo disponível. Em que a "discussão" ou o diálogo se encerra.

É bom salientar que não há um compromisso com o "fechar" alguma conclusão que todos devam aceitar. Em seguida foi feita uma atividade como a Rebeca mora. "Cada criança faz um desenho mostrando como acha que a Rebeca mora. Depois, os desenhos foram mostrados a todos os colegas na roda. Quem quisesse, poderia comentar o desenho de um colega ou o seu próprio." (Lipman, 1996, p.7).

V. Considerações finais

O trabalho da linguagem oral em turmas da Educação Infantil na perspectiva de Lipman é inquestionável, pois o mesmo é de suma importância para o desenvolvimento do pensar das crianças. Assim, paulatinamente, despertará ainda mais, na criança a formulação de perguntas e respostas que mexem com o raciocínio. Além disso, o aluno permanecerá cheio de inquietação, ao ver um mundo lógico e entenderá o porquê de tudo que existe no meio sócio-cultural da escola.

Sendo assim, ele estará participando ainda mais das aulas de linguagem, dentre outras disciplinas. Percebemos também, na proposta de Lipman, que o aluno possui o seu momento único de expressar as suas ideias, livremente, e um olhar mais aguçado, observando o mundo com um pensamento crítico.

De acordo com o que foi estudado e observado, a turma "B" (nível IV do CEI Dr. Ruy Pereira dos Santos), já participou mais do momento da roda de conversa, como também, esperaram o seu momento de falar, escutar e observaram o que o seu colega estava dizendo a respeito do tema estudado.

É gratificante trabalhar a proposta de Lipman na Educação Infantil, visto que é possível o professor, desde cedo, trabalhar a filosofia na infância. Por isso, o compromisso do é relevante, não como figura central, mas como coordenador do processo educador já que, usando da autoridade democrática, cria, em conjunto com os alunos, um espaço pedagógico mais participativo, motivado e desafiador, para que, nele, venha a surgir a construção de um conhecimento científico significativo.

As aulas foram planejadas e desenvolvidas na esperança de que as crianças satisfizessem os questionamentos com respostas coerentes e satisfatórias, as quais contribuirão para uma transformação crítica, reflexiva e consciente na condição de um bom cidadão para o mundo que as rodeiam.

VI. Referências Bibliográficas

ARIÉS, Philippe. História Social da infância e da família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; Rosa, Ester Calland de Sousa. Entrando na roda: as histórias na Educação Infantil. In BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; Ester Calland de Sousa (Orgs). **Ler e escrever na educação infantil: discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010 (Língua Portuguesa na escola; 2). p. 13-32.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Secretaria de Educação Fundamental: Brasília, 1998. Vol.3.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria dos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994. (Coleção Ciências da Educação, v. 12).

CARDOSO, Bruna Puglisi de Assumpção. Práticas de Linguagem Oral e Escrita na Educação Infantil. São Paulo: Editora Anzol, 2012.

CARVALHO, Denise Maria de; MOMO, Mariangela. Ensino Fundamental, a criança e suas especificidades. In: CARVALHO, Denise Maria de. **Ensino Fundamental: a criança e suas especificidades**. Natal, RN: UFRN, 2012.

CHARLOT, Bernard, **A Mistificação Pedagógica: Realidades Sociais e Processos Ideológicos na Teoria da Educação**. São Paulo, Editora Cortez, 1971.

LIPMAN Matthew. **A filosofia vai à escola**. Matthew Lipman. Tradução de Maria Elice de Brzezinski Prestes e Lucia Maria Silva Kramer. São Paulo: Summus, 1990. (Novas buscas em educação). Volume: 39.

LIPMAN, Mattkew; SHARP, Ann. Coleção Pensar. Cadernos contendo textos de professores e pesquisadores e de outros países sobre o Programa Filosofia para Crianças. Editado pelo Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças. São Paulo, 1996.

KRAMER, Sônia. A Infância e sua singularidade. In BRASIL. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão das crianças de seis anos de idade**. Brasília: MEC/SEB, 2007. p.13-26.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para crianças**/ Walter Omar Kohan. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina. 2008.

LURIA, A.R. atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais. In: _____. **Curso de Psicologia Geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

NODARI, Paulo César, (org.) **Por que?: A arte de perguntar**. 1ª ed.- São Paulo: Paulinas, 2011. (Coleção filosofando).

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Trad. Suzana Menescal de A. Carvalho, José Laurenido de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

Maria de Fátima Dantas

Nota:

Pedagoga. Especialista em Docência na Educação Infantil pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/RN.

E-mail: fatimadantas@008outlook.com

Recebido em: 01/07/2015

Aprovado em: 01/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: